O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 39.º **N.º 1967**
Sábado, 16 de Novembro de 1946

VISADO PELA CENSURA

Do discurso proferido pelo sr. Presidente do Conselho na 1.ª Conferência da União Nacional:

Para determinados grupos de cidadãos o problema político do seu país não estará nunca resolvido enquanto não receber a solução que êles próprios pretendem dar-lhe.

Mas quem os deixará meter algum dia mais o *bico* na administração do país, quem?

SEM HESITAÇÕES

Vivemos no último sábado e dias seguintes algumas horas mais de satisfação na vida. É que também fomos a Lisboa ver Salazar e ouvi-lo, recolhendo dessa jornada os melhores incentivos para, com entusiasmo, acompanharmos aqueles que sinceramente o rodeiam e auxiliam pelo caminho que o há-de conduzir à vitória no posto de comando onde fôra colocado pela Revolução de 28 de Maio.

Não podemos, infelizmente, levar ao conhecimento dos nossos leitores — de tão curto espaço dispomos — o que foi a 1.ª Conferência da União Nacional que se efectuou no vasto salão de festas do Liceu de D. Filipa de Lencastre onde Salazar proferiu, de entrada, uma lição que só um talento previlegiado e um patriotismo são, verdadeiro, autêntico poderiam arquitectar. E depois com que modestia êle se apresenta e diz e com que claresa se exprime escudado na verdade, timbre da sua nobreza!

A assembleia escutou-o e aclamou-o electrizada, entusiasmada até ao delírio. Quando um país possue um homem dêstes, um condutor, como se tem mostrado Salazar, acarinha-o, auxilia-o, acompanha-o — ama-o, até. E êsse o seu dever, uma incontestável obrigação, a que nós não faltamos por termos ouvidos para escutar, olhos para ver, cérebro para compreender e apreciar.

A obra de Salazar é por demais visível para que possa ser empanada ou obscurecida por quem quer que seja. Acha-se assinalada dum extremo ao outro de Portugal e em tôdas as direcções. Negá-lo só por acinte, por maldade, por facciosismo ou tacanhez de espírito. Eis as conclusões a que chegamos. Por isso aqui nos tem, aqui nos terá, ele e os seus directos colaboradores, a ajudá-los no encargo, que representa esfôrço de levantarem o país da situação desgraçada em que o deixaram os partidos que o Exército, há 20 anos, sacudiu do Poder.

Cortejo de Oferendas

Já não se realiza âmanhã o que estava a ser preparado a favor de várias casas de beneficencia, constando-nos que os seus promotores se esforçam por adiantar os trabalhos de modo a efectuar-se no dia 1 de Dezembro.

Entendemos que estas coisas se devem ponderar bem e não dar ensejo a transferencias, evitando-se quanto possível.

NO CAMINHO DAS REALIZAÇÕES

A imprensa da província que acima dos partidos, dos grupos e das facções, coloca os interesses da Pátria, apoiando a União : : Nacional, vai federar-se : :

Do programa da 1.ª Conferência da União Nacional fez também parte uma reunião dos representantes da Imprensa nacionalista com as comissões Executiva e de Propaganda, que se efectuou na sede daquele organismo na manhã de segunda-feira. Eis como a descreve o seu órgão oficioso, *Diário da Manhã*, nas suas linhas gerais:

A concorrência foi numerosa. E sem verbalismos inúteis, dentro dum conceito de realidades práticas, a reunião deu magnífico rendimento de trabalho.

Também quiseram assistir, significando o seu apreço pelos representantes dessa pequena imprensa que está disseminada por todos os recantos do país onde presta os mais assinalados serviços, os membros da Comissão Executiva da U. N. srs. eng. Mendes do Amaral, dr. Ulysses Cortez e Francisco de Melo Machado.

Da Comissão de Propaganda assistiram o presidente sr. dr. José António Marques e os vogais srs. drs. João do Ameal, Sacramento Monteiro, Tavares de Almeida, Manuel Ribeiro Ferreira, Manuel Pestana Reis, Garcia Pulido e dr. Manuel Murias, director do *Diário da Manhã*.

Entre os numerosos representantes dos jornais da província viam-se os srs. Conde de Agueda, director da *Soberania do Povo*, daquela vila e decano de todos os jornalistas da Imprensa regional; dr. Adriano Fernandes de Azevedo, do *Jornal de Santo Tirso;* conego Joaquim Maria Lourenço, do *Notícias de Beja;* dr. António da Silva Pereira e José de Amorim, da *Ideia Nova*, da Povoa de Varzim; José Camilo Pastor, do *Notícias de Viana*, de Viana do Castelo; Arnaldo Ribeiro, de *O Democrata*, de Aveiro; padre Leonardo de Jesus, de *A Defesa*, de Evora; Ernesto Domingues Tavares, de *O Eco*, de Pombal; José Emidio Rosa Amaro, do *Correio Elvense*, de Elvas; dr. Alvaro de Oliveira Pimenta, do *Jornal de Monção;* dr. Julio Outeiro Esteves, de *A Voz de Melgaço;* Diogo Oleiro, do *Jornal de Abrantes;* Augusto Beirão, do *Beira Baixa*, de Castelo Branco; dr. Agostinho Almeida Escada e Fernando Pereira da Silva Sardo, do *Correio da Beira*, da Guarda; professor António Luís Fernandes, de *A Voz do Domingo*, de Leiria; José Mário Coelho da Mota, da *Política Nova*, de Viseu; dr. Isidro Sequeira Estrela, de *O Marcoense*, de Marco de Canavezes; Jaime dos Santos Maia, da *Renovação*, de Vila do Conde; dr. António Pinheiro Torres, de *A Ordem*, do Porto; dr. António Gomes de Oliveira, do *Notícias da Covilhã;* Ciriaco Trindade, de *O Alcôa*, de Alcobaça; António Monteiro Albuquerque, do *Noticias da Beira*, de Mangualde; Jorge Simões, do *Ilhavense*, de Ilhavo; Luís Bonifácio pela *Comarca de Alcobaça;* dr. António Monteiro e Eduardo Machado Pinto, pelo *Correio do Alentejo*, de Evora; José Luís dos Santos Romão, da *Alma Nacional*, de Lisboa; dr. Francisco Miranda de Andrade, do *Correio do Minho*, de Braga; dr. Eugénio de Lemos, de *O Povo da Lousã;* Manuel José Gonçalves Grilo, da *Ordem Nova*, de Vila Real; Joaquim Simão Portugal, do jornal em organização *O País*, de Coimbra; dr. José António Marques, do *Beira Dão*, de Santa Comba Dão, dr. Manuel Simões Barreiros, do *Jornal de Figueiró dos Vinhos;* Francisco de Melo Machado de *A Verdade*, de Alenquer; e dr. Manuel Murias, de *O Mensageiro*, de Leiria.

Presidiu o sr. Francisco de Melo Machado e falou em primeiro lugar para saudar todos os presentes, em nome da Comissão de Propaganda, o sr. dr. José António Marques. Salientou o prazer que à referida Comissão e à Comissão Executiva da U. N., também presente, dava a assistência àquela reunião de tantos «obreiros» do mesmo oficio, companheiros de vida, de luta e de ideal, irmãos do bom combate».

Era igual a função de todos fazer propaganda da causa nacionalista que operara o ressurgimento do país. A U. N. convocara-os para aquela reunião a fim-de se trocarem impressões, traçarem directrizes, escutar opiniões de quantos pudessem trazer maior eficiência à obra a que todos se devotaram.

Ia conceder a palavra ao primeiro orador da sessão, o sr. dr. Manuel Murias, director do *Diário da Manhã*, órgão da União Nacional. Foi recebido com uma entusiástica salva de palmas.

O sr. dr. Manuel Murias saudou os jornalistas presentes em nome do *Diário da Manhã*, fazendo notar que entre êles se encontravam alguns dos mais ilustres jornalistas portugueses. Dirigiu, em especial, palavras de saudação ao sr. Conde de Agueda, o mais velho e experimentado jornalista presente, decano do jornalismo português, a alguns dos seus antigos companheiros de lutas e esperanças, como Augusto Morna, Adriano Fernandes de Azevedo e Eduardo Miranda e outros tão distintos e destemerosos, como o dr. Mendes de Matos, um dos mais ilustres jornalistas do nosso tempo.

Prosseguindo, o sr. dr. Manuel Murias lançou a ideia da federação dos jornais nacionalistas portugueses — ideia que todos acolheram com vivo entusiasmo — e declarou que essa federação teria a sua casa, em Lisboa, no *Diário da Manhã*. Propôs igualmente que se aproveitasse aquele encontro para estabelecer a rede dos jornais nacionalistas, estabelecendo com o *Diário da Manhã* e uns com os outros, um sistema de permuta e informações, que seria útil a todos.

Ao terminar, o sr. dr. manuel Murias pediu uma saudação, como testemunho de respeito e de fidelidade política a Salazar, recordando que o grande estadista fôra um jornalista doutrinário dos maiores do seu tempo — o que provocou uma viva e quente manifestação.

Seguiu-se no uso da palavra o sr. dr. Garcia Pulido que salientou o papel de especial importância que cabe à Pequena Imprensa da província definido por Ramalho Ortigão em *A Tradição*, de Beja.

Os jornais da província são os guardiões da tradição do povo e os construtores do futuro. São os condutores de inteligência e os condutores das almas.

Penetram muito mais facilmente no espírito do povo com as suas doutrinas os seus conceitos, do que a própria grande imprensa. Poderão ser o eco, até mesmo junto das autoridades locais e da governação publica, das questões de interesse regional. Era necessário estabelecer uma mais intima ligação entre tôda essa imprensa, a-fim-de resultar mais eficiente a sua acção.

O sr. Conde de Agueda falou, e seguir também, entusiasticamente ovacionado e apresentou diversas sugestões, uma reclameção sôbre o caso de ser perseguida a imprensa nacionalista e sujeita a coacções e vexames, enquanto se dá a maior liberdade aos jornais adversários da situação e lançou a ideia — calorosamente aplaudida — de se realizar um Congresso da imprensa nacionalista do país.

O sr. dr Augusto Morna, nosso antigo camarada, saudou entusiasticamente os seus antigos companheiros de trabalho ali presentes — dr. Manuel Murias, Artur Maciel, cuja obra no S. P. N. enalteceu, e Sebastião Cardoso. Fala depois dos problemas da propaganda do S N. I., que não penetram, como deviam, até às camadas populares e do aparecimento constante de editoriais de onde saem publicações com doutrinas e filosofias desmoralizadoras e romances pornográficos e licenciosos, editoriais que gozam da mais ampla liberdade e que no entanto representam doutrinas que esmagam tôda essa liberdade, doutrinas que se consubstanciam numa unica, com publicações dum só partido, esmagamento e destruição de tudo quanto seja contrário.

O sr. dr. Adriano Candido de Azevedo votou louvor e cumprimentos, extensivos ao director do *Diário da Manhã*, afirmação de valor intelectual e moral no nosso país. Os jornais regionalistas não devem ser esquecidos — afiirmou.

O sr. dr. Tavares de Almeida respondeu a algumas observações do sr. dr. Augusto Morna.

O dr. Ulisses Cortês, encerrando os trabalhos, salientou que a Comissão Executiva se congratulava com o exito daquela reunião. Saudou calorosamente a imprensa nacionalista da provincia à qual prestou homenagem, salientando os altos serviços por ela prestados à Revolução Nacional. Dirigiu palavras de particular homenagem aos dois mais antigos jornalistas presentes — o sr. Conde de Agueda, director da *Soberania do Povo*, e o sr. Arnaldo Ribeiro, director de *O Democrata*, de Aveiro, pondo em relêvo a sua firmeza de ideias e a sua dedicação nacionalista.

Analisou seguidamente o problema da Imprensa, afirmando que ela se concentra no primeiro plano das preocupações políticas e é de vital importancia para o futuro do regime.

Manifestou, entre aplausos, a sua esperança em que êsse problema terá próxima e adequada solução.

Fazendo a análise dos resultados daquela reunião, disse que nela tinham nascido duas sugestões cuja importancia encareceu: — a da federação da Imprensa nacionalista e a da breve realização de um Congresso, em que sejam amplamente debatidos os problemas que aos jornais interessam.

Era indispensavel passar — acrescentou — das palavras às realizações.

Terminou as suas palavras, propondo a imediata constituição da seguinte comissão encarregada de levar a cabo as referidas iniciativas: Conde de Agueda, Arnaldo Ribeiro, dr. Manuel Murias, dr. Viana de Lemos, dr. Miranda de Andrade e dr. Alberto Pinheiro Torres.

Em virtude do adiantado da hora a sessão foi encerrada a seguir.

O calçado

—o—

Estava em vésperas de subir, diziam, proclamavam aos quatro ventos os interessados no negócio. Informam, porém os serviços de fiscalização que tal não se dará, mantendo-se as tabelas actuais em vigor.

A notícia do aumento ia-nos deixando sem pinta de sangue!...

Chegou o frio

Pois é verdade. Veio cedo e já acompanhado de pingos de água gelada, como se verificou ante-ontem. E assim se interrompeu o delicioso verão de S. Martinho, que vínhamos gosando e cujo prolongamento só benefícios trouxe à agricultura.

Para que serve o relógio?

Eis a pergunta que corre de boca em boca, no Mercado Municipal, onde existe um relógio que há muito não funciona.

Pedem-se providências.

Socorro aos infelizes

—o—

Vão ser distribuidos nas proximidades do Natal por 159 inválidos do distrito, carros e tabuleiros e aos indigentes e aos pobres mais carecidos de vestuário, roupas e agasalhos que os preservem dos rigores do Inverno.

Parece-nos que isto nunca se fez anteriormente ao 28 de Maio, pelo que, no entanto, julgamos concorrer para que não seja esquecido o dispendio de 400 contos para tal fim. Ou não merece a gratidão dos contemplados?

A manteiga

Numa carta recebida esta semana é-nos comunicado por Lacticínios de Aveiro, L.da, em resposta às locais aqui insertas com o título da epígrafe, que a empreza se tem esforçado por enviar para a cidade tôda a manteiga que pode, acrescentando que no mez passado fôra distribuido pelo comércio local cerca de uma tonelada dêste produto, o que corresponde aproximadamente a 20 °/₀ da produção; que Aveiro é uma das cidades mais bem abastecidas do país e que os restantes 80 °/₀ é que vão para fóra.

Aqui teem os que se queixam da falta de manteiga a resposta dos Lacticínios de Aveiro, L.da. E como concluí por dizer que não tem tempo para se dedicar a *jornalismos baratos*, vemos que só pensa em ganhar, quando o nosso continua a ser pago com insinuações malevolas.

Agua de consumo público

A Câmara atendeu a nossa reclamação pelo que os moradores do Espírito Santo e imediações já podem abastecer-se da água da fonte.

Oxalá nunca mais falte, visto a maior parte dos marcos terem desaparecido e os pobres não a poderem dispensar.

A 1.ª Conferência da União Nacional

fez convergir a Lisboa os representantes dêsse organismo, idos de todos os pontos do país, que cumprimentaram Carmona e aclamaram Salazar pela sua obra notabilíssima : :

Importantes e substanciosos discursos, e desassombradas atitudes

Não vamos pormenorisar a importância que teve a reunião efectuada nos dias 9, 10 e 11 na capital e que serviu de pretexto para informar o Govêrno do que se passa na província sôbre os serviços públicos e a vida da nação. Assistimos a tôdas as sessões e aquilo que se passou encheu-nos as medidas pelo espírito de concordância e de cooperação que em tôdas, do princípio ao fim, vimos revelar-se.

Os cumprimentos dos membros da Conferência ao Chefe do Estado, em Belem, assim como o discurso de Salazar na sessão inaugural, constituiram o prologo do que fez eco em todo o país e demonstrou a isenção, a compostura e a altivez de quantos tomaram parte nos trabalhos cheios de fé no futuro da nação, que tanto sofreu durante a desordem política e as imoralidades consentidas nos primeiros 15 anos da República.

Uma amostra: a sr.ª D. Maria José Novais, que é procuradora à Câmara Corporativa, ocupando-se com grande vivacidade do problema grave que envolve a baixa capitação do milho, indispensável alimento para as populações do Norte, citou, a propósito, o caso dum jornaleiro, que recebe 3 quilos de milho e 1 quilo e 300 gramas por pessoa a mais para pôr em relêvo a precaridade da alimentação do trabalhador, dizendo que é absolutamente necessário aumentar as capitações. E exclama: *Casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão.* Por isso é preciso que o pão não falte a ninguém.

Depois refere-se à vida da mulher no campo. E descreteando sôbre elas, diz: essas mulheres iam trabalhar logo passados quinze dias do parto porque tinham pão e com o pão tinham leite para dar aos filhos. Agora, afirmam essas pobres mulheres que não podem trabalhar senão mais tarde porque a fraqueza não as deixa e a fôrça falta-lhes.

Sempre aplaudida, terminou por recordar as palavras de Salazar, de que, enquanto houvesse um lar sem pão, a Revolução continuaria, isto para afirmar a sua fé na marcha do Estado Novo, declarando entre uma vibrante salva de palmas, que marcará sempre a sua presença, se tanto fôr necessário, em sofrimento, em lágrimas e em trabalho.

O sr. dr. Bento Coelho da Rocha salientou, por sua vez, que a experiência corporativa trouxe a Portugal benefícios incalculáveis; mas acrescentou que a demasiada burocratização a tem comprometido muito, sendo necessário que todos os que servem têm de compenetrar-se de que estão ao serviço do povo e não se serve o público com um movimento de papelada que entrava a máquina corporativa.

O sr. Ministro da Economia, respondendo ás críticas que ouviu, e foram bastantes e variadas, salientou o nome da sr.ª D. Maria José de Morais pela sinceridade e brilho das suas palavras, dizendo que o desejo do Govêrno é acabar com o racionamento ou aumentar as capitações em matéria de abastecimento. Mas na análise do problema não podemos esquecer que vivemos com os outros e que, se em matéria política somos capazes de nos bastar a nós próprios, em matéria económica não acontece o mesmo. E' preciso não esquecer que nestes momentos certos países poderosos, como a Inglaterra, vivem as maiores dificuldades de alimentação. Na Inglaterra não é permitido, ás refeições, comer mais do que uma sopa, um prato e um doce feito, não com açucar, mas com sacarina; e que, se o consumidor quiser comer pão, terá de prescindir da sopa ou do doce.

E' preciso saber-se que, em países poderosos, como a América do Norte, por falta de recursos próprios e porque são chamados a acudir ás necessidades dos outros países do Mundo, não se distribui pão três vezes na semana, quási não há carne, quási

não há manteiga. E ainda há pouco uma das pessoas aqui presentes me mostrou uma carta que recebera dum amigo seu que está no Brasil em missão oficial, e em que diz o seguinte:

...Bendito seja o nosso Portugal, tão injustamente caluniado, mesmo aqui no Brasil.

Temos, portanto, que atender a todas estas circunstâncias e temos que situar os nossos problemas no quadro internacional. Estas dificuldades de alimentação do Mundo podem classificar-se por vários motivos ou razões. Em primeiro lugar há que verificar o estado de confusão em que o Mundo se encontra; depois, todos estes problemas derivados da passagem do estado de guerra ao estado de paz —indústrias preparadas para a guerra que agora têm de se transformar — tudo isso leva muito tempo, exige muitas energias e preparação, antes de estar suficientemente encarreirado.

Além disso há as razões que posso classificar de razões de ordem social. Tenho aqui alguns elementos de que poderia servir-me para com exemplos, determinar os meus pontos de vista. Neste momento, a América do Norte luta com greves de toda a natureza. Há dias, felizmente para nós, terminou a greve dos transportes. Não sei, no entanto, se acabou a tempo de nos livrar ou não de algumas dificuldades. Um barco que temos na Argentina, para carregar carne congelada, banha, manteiga e toucinho, ali se encontra há muitos dias porque uma greve dos empregados dos frigoríficos impede o carregamento dêsse navio. Estas greves na América e em vários outros países trazem o Mundo perturbado e temos de viver, afinal, com eles. Não podemos resolver problemas que nos não pertencem. Creio que muitos estavam convencidos de que no fim da guerra se poderia esperar um grande alívio da situação. A minha experiência diz que, neste momento, e passado algum tempo, depois de terminada a guerra, as dificuldades que acabei de referir, serão causa de maiores dificuldades do que no tempo dela. Hoje, a Europa invadida pela Alemanha é uma Europa que não trabalha, que não progride, que está afundada em complicações políticas. Daí, nada ou muito pouco podemos esperar. Por outro lado, o mundo anglo-saxão, que nos abasteceu regularmente durante a guerra, é levado por altas razões de ordem política, a entregar das suas reservas uma grande parte para o sustento desses países famintos. O racionamento do pão em Inglaterra — e veja-se êste alto exemplo de civismo — é feito, não porque a Inglaterra não tenha reservas de trigo que cheguem para o seu abastecimento, mas sim porque ela não pode deixar a zona da Alemanha, que está sob a sua administração, em condições inferiores ás das outras zonas.

As dificuldades da América em matéria de trigo são também da mesma natureza. Numa nota oficiosa que há pouco publiquei referi-me ao organismo internacional de distribuição dos géneros e das mercadorias escassas. Esse organismo é também uma das nossas grandes dores de cabeça na tarefa de todos os dias, não porque nos tratem mal, mas porque ele abrange todas as mercadorias escassas, e são estas mercadorias de que necessitamos.

Desta forma, não é possível adquirir qualquer dessas mercadorias onde se queira; os respectivos pedidos são vistos à luz de critérios gerais a que não podemos furtar-nos. Do facto de se terem abolido os *navicerts* e todos os sistemas de fiscalização, muitos concluiram que o problema estava resolvido. Porém, a verdade é que assim não é, porque nós próprios temos de fazer essa fiscalização.

O sr. Ministro terminou dêste modo o seu longo discurso e muito bem: «Se cada um de nós fizer da acção política uma defesa de interesses materiais, não um instrumento de ambições pessoais — mas um apostolado cívico; se cada um de nós desempenhar as funções públicas em que estiver investido, não com a simples correcção de mercenário, mas com o zêlo e o fôgo do crente; se cada um de nós em vez de desanimar com os revezes sofridos ou com o espectáculo de algum insucesso, logo se puser ao trabalho de recuperar o perdido e de reparar o prejuizo socialmente causado; se cada um de nós fôr sempre e em tôda a parte o homem de fé, o homem de esperança e o homem de vontade, — estejamos certos de que tudo desde logo melhorará.

Ouço ás vezes perguntar: quem é que assegura o futuro da Revolução Nacional? Respondo sem dificuldade: sê vós quiserdes senhores, sereis vós, com a vossa tenacidade e o vosso entusiasmo que assegurareis o futuro —vós todos e aqueles que convosco vierem ter para servir, em profunda comunhão de ideais, em íntima conjugação de esforços, a causa da honra, da felicidade e da grandeza de Portugal».

Vida diplomática

Tendo sido nomeado para desempenhar, em comissão, as funções de consul adjunto em Nova York (E. U. da América) deve seguir de avião, na próxima terça-feira, para aquela grande cidade o sr. dr. Carlos Pericão de Almeida, natural da freguesia de Aradas, onde tem família e é muito estimado.

O novo consul é, por conseguinte, quási aveirense. E essa circunstância aliada à sua inteligência, honesta conduta e a outros predicados que reune, levam-nos a desejar-lhe todas as felicidades de que é merecedor, assim como uma óptima viagem.

O dr. Carlos Pericão, que esta semana esteve em Arada e nesta cidade, não tendo tido tempo de se despedir de todas as pessoas amigas, fá-lo por intermédio do *Democrata* ao mesmo tempo que oferece os seus préstimos naquela capital.

Doenças dos olhos

Retomou a clínica, continuando as suas habituais consultas no Hospital desta cidade, o distinto oftalmologista sr. dr. Cunha Vaz, com consultório em Coimbra.

Aviso aos interessados.

O PREÇO DO AZEITE

Foi agora fixado, por litro, a 13$70, 13$00 e 12$20, respectivamente o extra, o fino e o de consumo.

Mas aonde está êle, que te quero vêr?..

Legião Portuguesa

Voltou a comandar, no distrito, esta fôrça militarisada, o sr. coronel Amilcar Gamelas, nosso conterrâneo, que havia exercido as mesmas funções até Abril de 1941, data em que, por ter de seguir para os Açores com o batalhão de Infantaria 10, as abandonou.

Conferiu-lhe a posse o comandante interino, Alexandre Prazeres Rodrigues, tendo assistido os srs. Governador Civil, comandantes dos regimentos de Cavalaria e Infantaria, da Guarda Republicana e da Policia, sub-delegado regional da Mocidade Portuguesa, representantes dos nucleos nos concelhos e oficiais da Legião, residentes nesta cidade. Usaram da palavra, congratulando-se com o facto, os srs. dr. António Cristo, pela Comissão Distrital da U. N., deputado dr. Querubim Guimarães, dr. Pedro Guimarães e, por ultimo, o empossado, que agradeceu os encómios e as atenções recebidas.

Aos quais encómios nos associamos por deles ser merecedor o coronel Amilcar Gamelas.

Retretes públicas

Já foram inauguradas as que a Câmara mandou construir, para ambos os sexos, junto à Praça do Peixe e cuja falta se fazia sentir.

Estão decentes e é de louvar a iniciativa camarária.

Conferência

Em nosso poder a que efectuou, no Porto, o sr. dr. Marcelo Caetano por ocasião do 20.º aniversário da Revolução de 28 de Maio a convite da Comissão Distrital da União Nacional daquela cidade e tem o título — *Hoje, como ontem: o Estado Novo.*

Agradecemos a oferta, tanto mais que encontramos nas páginas lidas num fôlego curiosas alusões às ruinas do passado, que os políticos cavaram e removeram quando se degladiavam. É preciso não esquecer.

Confirmação de sentença

O Tribunal da Relação do Porto acaba de confirmar a sentença do Colectivo da Feira, que condenou Ermelinda Gomes de Jesus como assassina da sua serviçal Clotilde Henriques de Oliveira, caso desenrolado em Espinho e que ficou conhecido pelo *crime da rua 4.*

Este julgamento prova, para todos os efeitos, o espírito de justiça que orientou a primeira instancia e ainda a razão do nosso colega *Defesa de Espinho* na atitude que tomou perante o crime e os que pretenderam encobri-lo.

Benjamim Dias: aqui nos tem a dizer-lhe que não há enxovalhos que valham nem lama que salpique quando a Verdade transparece impelida pela consciencia.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense,* Rua dos Mercadores.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, os srs. eng. Mateus de Lima, João Mota e Alberto de Oliveira Carvalho e a interessante Maria Eneida Lopes Brites, filha do sr. João Amaral Brites, 1.º sargento de Infantaria 10; ámanhã, a sr.ª D. Clotilde Correia e Silva, esposa do sr. tenente Natividade e Silva, e o nosso amigo Adelino Soares Leite, de S. Nicolau (Braga); no dia 18, a sr.ª D. Maria de Lourdes de Carvalho Costa, esposa do sr. Joaquim da Costa, escriturário da Direcção de Estradas, e o sr. José Maria dos Santos Carvalho, residente na capital; em 20, as sr.as D. Maria Augusta Rangel de Quadros Almeida e D. Maria da Conceição Rodrigues, esposa do sr. Luis Manuel Rodrigues, funcionário do S. P. N.; em 21, a gentil Nénê, filha do sr. Francisco Simões Cruz, empregado na Agência do Banco de Portugal, e as sr.as D. Noémia Trindade e Silva e D. Maria Adelaide Calado Correia, esposa do sr. António Monteiro Correia, sub agente do Banco N. Ultramarino; em 22, o sr. Cipriano Neto, chefe da Secretaria da Câmara Municipal, e a Fernandinha, dilecta filha do sr. José Lopes Godinho, professor em S. Martinho da Gandara (O. de Azemeis).

Partidas e Chegadas

Veio no domingo a Aveiro matar saudades o nosso amigo, major Alfredo César de Brito, sub inspector dos S. A. M., a quem nos foi grato abraçar.

Está agora em Agueda no exercicio daquelas funções.

— Tambem estiveram nesta cidade os srs. Celestino Neto, aspirante de Finanças no Porto e Diamantino Simões Jorge, da Taipa.

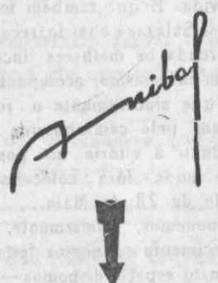
— De regresso de Paris já se encontram na sua residência da capital o nosso presado amigo dr. António Nascimento Leitão, coronel-médico, e esposa.

— Deve seguir hoje para o Alentejo o nosso amigo sr. tenente António Pedro Carretas, de Cavalaria 5.

Doentes

Passa bastante encomodada de saude a esposa do nosso velho amigo João Vieira da Cunha, conceituado proprietário da livraria que tem o seu nome.

Desejamos-lhe rápidas melhoras.

— Vai melhor o sr. António Dias da Conceição, o que deveras estimamos.

Secção Desportiva

Futebol

Beira-Mar, 10 — Lamas, 4

O jogo desenvolvido no domingo no Estádio Mário Duarte, desta cidade, deu o resultado que indicamos acima, não influindo, porém, na classificação geral.

A última jornada do campeonato realiza-se amanhã em Ovar, Oliveira de Azemeis e Vila da Feira.

Qual será o grupo vencedor?

O vinho

Pelo Concelho Geral da Junta Nacional dos Vinhos foi estabelecido o preço de 3$00 por litro para venda ao público e 2$70 para compra ao armazenista.

Resta saber se o cumprimento desta disposição se fará sem a água entrar em linha de conta...

Atenção, srs. fiscais.

NECROLOGIA

Jeremias Vicente Ferreira

Não obstante a sua aparente robustez física, a sua actividade e o seu dinamismo, a Morte que o vinha espreitando de perto, acabou, finalmente, por o fazer baixar às profundezas do túmulo. O desenlace deu-se na manhã do último sábado, depois de alguns meses de sofrimento, devido a uma doença grave que o vinha torturando e para a qual a ciência foi impotente para combater.

Jeremias Vicente Ferreira era um homem possante e foi durante largos anos cabo de mar da capitania do porto, de que se achava aposentado, possuindo muitas relações e amizades, quere na cidade quere fóra dela, como ficou exuberantemente demonstrado no dia do funeral realizado com extraordinária concorrência da sua casa, na Estrada da Barra, para o cemitério central. Nê-le se incorporaram pessoas de tôdas as condições sociais, vendo-se com a chave da urna, que ia coberta com a bandeira do *Recreio Artístico*, de que fôra sócio fundador, o capitão de Mar e Guerra sr. António Caetano Couceilo, que veio expressamente de Lisboa, assim como o sr. comandante Mário Costa, que aqui exerceu as funções de capitão do porto e outros amigos. Muitas palmas e coroas de flores artificiais com sentidas legendas foram conduzidas pelos sobrinhos e pessoas íntimas do extinto, tomando também parte no fúnebre cortejo representantes de várias associações locais, bombeiros, pessoal das emprezas de pesca a que pertencia, etc., etc..

Possuidor de avultada fortuna, contava agora 69 anos, deixando viuva a sr.ª D. Emília Augusta dos Reis Ferreira, para quem vão as nossas condolências extensivas aos sobrinhos, nomeadamente António, Manuel, Luís e José Vicente Ferreira, e Manuel Cação Gaspar, que, de Penafiel, onde reside, aqui veio igualmente prestar a sua homenagem ao estimado aveirense.

* * *

Com 33 anos deixou o mundo, quarta-feira de tarde, o sargento-ajudante Rodrigo Machado da Cruz, que vinha sofrendo de doença grave.

O seu enterro realizou-se ante-ontem da residencia dos pais até à passagem de nível de Esgueira, de onde seguiu o cadaver num auto dos Bombeiros Voluntários para o cemitério de Eirol, onde nascera. Nê-le se incorporaram um contingente de Infantaria 10, a cujo regimento pertencia, oficiais e sargentos da guarnição e muitas outras pessoas a quem o inesperado desenlace emocionou.

Aos desolados pais, tenente-coronel médico dr. Rodrigues da Cruz e esposa e a tôda a família acompanhamos no desgosto que acabam de sofrer.

* * *

No Porto igualmente se finou com bastante idade, o sr. Pedro Augusto Ferreira, que na nossa terra passou parte da sua mocidade, cursando o liceu e pertencendo ao grupo desportista de que era elemetno preponderante o saudoso Mário Duarte.

Era ainda hoje um *gentleman*, aprumado, vivo, altivo; possuia qualidades que o tornaram estimado e era chefe de numerosa família, a quem acompanhamos na perda que acaba de sofrer, enviando-lhe sentidas condolências.

António de Pinho Nascimento

Agradecimento

A viuva, filhos e demais família do saudoso extinto, na impossibilidade de agradecer a todas as pessoas que se incorporaram no funeral ou por qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar, vem por este meio resalvar as faltas cometidas, embora involuntárias, e patentear publicamente a sua profunda gratidão.

Aveiro, 14-11-946.

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do jornal, que não é pequeno.

Agradecemos.

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
6,20 (tram.)	7,43 (tram.)
6,54 (mixto)	10,57 (tram.)
12,56 (rápido)	12,35 (correio)
13,06 (tram.)	15,41 (tram.)
17,24 (tram.)	19,28 (rápido)
19,25 (correio)	21,54 (mixto)
20,39 (tram.)	Do Porto chega um tram. às 21,07 que não segue.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,54	10,34
15,25	19,09
17,38	23

Atenção para a 4.ª página

Correspondências

Eixo, 4

Com 79 anos faleceu o sr. Alexandre Fernandes, acreditado comerciante em Lisboa, onde era proprietário de uma casa de sementes. Bastante modesto e de uma grande sinceridade e honradez, quer na sua vida comercial quer particular, era um benquisto cidadão. Eixense dedicado, estava sempre pronto, em Lisboa, a patrocinar qualquer iniciativa que traduzisse benefício para a sua terra.

A todos os seus, especialmente a seu sobrinho, o sr. José Fernandes Lopes, sucessor na sua firma comercial, os nossos pêsames.

—Foi também com profundo pesar que recebemos a notícia do falecimento do sr. António Constantino de Brito, que aqui esteve com farmácia bastantes anos e era um bom chefe de família.

— Os lavradores que estavam algo desanimados com o mau tempo, andam agora muito satisfeitos, com o verão de S. Martinho que está a decorrer, o qual lhes permite ultimar, com proveito, as colheitas de milho do campo e serodio.

C.

Esgueira, 14

Em Anadia deu à luz uma creança do sexo feminino a sr.ª D. Maria da Conceição Ramalho Alvim, esposa do sr. Alvaro de Melo Alvim, aspirante de Finanças e irmã do nosso amigo Américo Ramalho.

Mãi e filha encontram-se bem.

—Faleceu aqui, com 71 anos de idade, o sr. Manuel Gouçalves Amaro, sendo sepultado no cemitério local.

—Também hoje se finou com 89 anos o sr. Manuel Francisco Pedro, que há tempos tinha cegado.

Foi igualmente a enterrar no nosso cemitério com grande acompanhamento.

As famílias enlutadas, sentidos pêsames.

—Tem estado retido no leito com a saúde um pouco abalada o nosso amigo Adélio Simões, que felizmente vai melhorando.

—Também não passa bem o sr. Abel de Almeida e Silva, a quem desejamos rápidas melhoras.

C.

União Revendedora de Aveiro, L.da

Por escritura de hoje, lavrada nas notas do notário desta cidade, dr. Inocêncio Fernandes Rangel foi constituida uma sociedade por cotas de responsabilidade limitada, que se há-de reger e gerir pelas condições constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adota a denominação *União Revendedora de Aveiro, Limitada*, fica com a sua séde em Aveiro, começando hoje as suas operações.

2.º

O seu objecto é o comércio de mercearias, torrefacção e moagem de cafés e o mais que a sociedade resolva explorar, sendo a sua duração por tempo ideterminado.

3.º

O capital social, já inteiramente realizado, em dinheiro, é de 20 000$00 representado por duas cotas, uma de 16.000$ do sócio Manuel Fernandes da Silva Júnior e outra de 4.000$, do sócio Alvaro da Graça Soares de Sousa.

4.º

Qualquer dos sócio poderá fazer à sociedade os suprimentos de que esta carecer, sem vencimento algum de juros.

5.º

A administração e gerência da sociedade pertence aos dois sócios, sendo, por isso, obrigatória a assinatura dos dois gerentes em todos os actos em que a sociedade fique obrigada ou para que ela adquira direitos, bastando a assinatura de um só deles em assuntos de méro expediente.

6.º

Os gerentes só poderão usar a denominação social em actos respeitantes à sociedade, e nunca em letras de favor, fianças, abonações ou quaisquer outros actos semelhantes, ficando responsável pelos prejuizos causados à sociedade, aquele dos gerentes que transgredir o perceituado neste artigo.

7.º

Os balanços serão anuais e referidos a 31 de Dezembro.

8.º

Os lucros líquidos anuais, depois de retirados 5 % para fundo de reserva legal, serão divididos pelos sócios na proporção de 65 % para o sócio Manuel Fernandes da Silva Júnior e 35 %, para o sócio Alvaro da Graça Soares de Sousa.

9.º

No caso de falecimento de qualquer sócio, os seus herdeiros ou representantes tomarão o lugar do falecido, indicando um de entre eles para exercer os seus direitos, enquanto a respectiva cota estiver indivisa.

10.º

A sociedade dissolve-se unicamente nos casos designados pela lei.

11.º

Em qualquer caso de dissolução serão liquidatários todos os sócios, seus herdeiros ou representantes; a partilha dos haveres sociais será feita extra judicialmente pela forma como então combinarem e fôr de direito, e na falta de acôrdo, pela licitação sobre os valores sociais que serão adjudicados àquele que, pagando o passivo, melhores vantagens oferecer.

12.º

Em todo o omisso regularão as disposições legaes aplicáveis.

Aveiro, 8 de Novembro de 1946.

O Chefe da Secretaria Notarial

José Robalo Lisboa Júnior

«O Democrata»

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	30$00
Semestre	15$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.